



Perspectivas para a América Latina e o Caribe em 2014

Alejandro Werner

Contemplando o ano à frente, como vemos o cenário econômico mundial e suas implicações para nossa região? Essa pergunta está muito presente na mente de todos, dados os riscos de deflação nas economias avançadas e de turbulência sustentada nos mercados emergentes.

Apesar desses riscos, prevemos que a região cresça a um ritmo um pouco mais rápido do que no ano passado — de 2,6% em 2013 para 3% em 2014. O fortalecimento da demanda mundial é um fator importante, mas não é o único; a volatilidade deve ser uma característica marcante do cenário à frente. As taxas de crescimento da região continuarão baixas em comparação às tendências históricas, e persistem os riscos de deterioração das perspectivas de crescimento. Assim, comecemos pela conjuntura mundial.

Conforme descrevemos na recente [atualização do World Economic Outlook](#), estimamos que o crescimento da economia mundial passe de 3% em 2013 para 3¼% este ano, liderado pelas economias avançadas. Nos Estados Unidos, o crescimento subirá para 2,8% em 2014, pois os ventos contrários decorrentes de uma política fiscal excessivamente austera e da deterioração dos balanços das famílias começam a desaparecer, e a economia americana continua a aproveitar o impulso da política monetária ainda acomodatória e de forças cíclicas. Por outro lado, vemos a zona do euro passando da recessão para a recuperação — na esteira da contração do ano passado, a atividade terá uma expansão de 1%. Contudo, essa recuperação será desigual, com uma retomada apenas ligeira das economias em dificuldades em razão do elevado endividamento.

Os mercados emergentes e os países em desenvolvimento terão desempenho um pouco mais forte no seu conjunto, com um crescimento geral em torno de 5% este ano. As perspectivas para a China são de importância crucial para os exportadores de *commodities* na América Latina. A China deve crescer no mesmo ritmo do ano passado, 7,5%, à medida que as políticas para conter a expansão do crédito e elevar o custo do capital reduzem a aceleração do investimento.

Os preços das *commodities*, por sua vez, devem cair um pouco, especialmente os dos produtos não combustíveis, com um recuo de cerca de 6% ao longo do ano, segundo nossas previsões. As condições nos mercados financeiros mundiais permanecerão mais restritivas do que estavam antes de o banco central norte-americano, o Fed, começar a falar sobre a retirada dos estímulos à economia, no primeiro semestre de 2013, tendo como reflexo a elevação dos custos dos empréstimos nos mercados internacionais, sobretudo à luz da recente volatilidade nos mercados emergentes.

| ALC: Crescimento do PIB real 1/ (Porcentagem) | | |
|---|------------|------------|
| | 2013 | 2014 |
| Estados Unidos | 1.9 | 2.8 |
| Canadá | 1.7 | 2.2 |
| Brasil | 2.3 | 2.3 |
| México | 1.2 | 3.0 |
| América do Sul | | |
| Financeiramente integrados 2/ | 3.9 | 3.9 |
| Outros exportadores de <i>commodities</i> 3/ | 5.4 | 3.5 |
| América Central | | |
| ACPRD 4/ | 2.9 | 3.2 |
| Caribe | | |
| Dependentes do turismo 5/ | 0.9 | 1.6 |
| Exportadores de <i>commodities</i> 6/ | 3.5 | 3.7 |

Fonte: FMI, *World Economic Outlook*.

1/ALC: América Latina e Caribe. Os agregados sub-regionais são computados como a média simples das taxas de crescimento.

2/ Abrange Brasil, Chile, Colômbia, Peru e Uruguai.

3/ Abrange Argentina, Bolívia, Equador, Paraguai e Venezuela.

4/ Abrange Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e República Dominicana.

5/ Abrange Bahamas, Barbados, Belize, Jamaica e os Estados membros da União Monetária do Caribe Oriental (ECCU).

6/ Abrange Belize, Guiana, Suriname e Trinidad e Tobago.

Recuperação desigual

Assim, quais são as implicações dessas novas previsões para nossa região? O cenário varia entre as sub-regiões, dependendo das interligações de cada uma à economia mundial e aos mercados financeiros.

Por exemplo, graças à recuperação nos EUA, a taxa de crescimento do **México** subirá para 3% em 2014. O país verá uma retomada das exportações de manufaturados e a recuperação continuada da demanda interna, pois os fatores temporários que reprimiam a demanda no ano passado continuam a se dissipar.

Na **América Central**, o fortalecimento da demanda mundial impulsionará o turismo e as exportações, e a atividade de construção nos EUA estimulará as remessas (que já haviam registrado um crescimento de 6,5% no terceiro semestre de 2013 em relação ao mesmo período de 2012). Para o conjunto da América Central, o crescimento deve subir de 2,9% para 3,2% este ano. Contudo, os níveis elevados de endividamento público e os déficits do orçamento são uma restrição e um risco para as perspectivas de alguns países centro-americanos.

No **Caribe**, prevemos a recuperação dos países dependentes do turismo em virtude do aquecimento da atividade nos EUA; o fluxo de turistas americanos para o Caribe havia crescido cerca de 7% em novembro em relação ao mesmo período do ano anterior. Todavia, o crescimento deve manter-se baixo em 2014, em apenas 1,5%. Os exportadores de *commodities* do Caribe registrarão um crescimento mais forte, de 3,7%. Contudo, assim como na América Central, a dívida pública elevada representa um risco para alguns países caribenhos.

Na **América do Sul**, o cenário é mais variado. Nos grandes exportadores de *commodities* abertos aos mercados financeiros (Brasil, Chile, Colômbia, Peru e Uruguai), o crescimento médio continuará ligeiramente abaixo de 4%, avançando a passos lentos em relação aos níveis históricos.

A recuperação da demanda mundial será contrabalançada pelo recuo dos preços das *commodities* e por condições financeiras um pouco mais restritivas. Nesses países, a conjuntura interna será muito importante para as perspectivas. O Brasil, por exemplo, se depara com estrangulamentos da oferta que estão restringindo o produto e pressionando a inflação; assim, projetamos um crescimento não superior aos 2,3% registrados no ano passado.

Nos demais exportadores de *commodities* da região, o cenário é menos favorável. Na Argentina e Venezuela, em 2013 surgiram pressões sobre a inflação, o balanço de pagamentos e o mercado cambial. Essas pressões estão afetando negativamente a confiança e a oferta agregada.

Novos (e antigos) riscos

Para todas as economias da região, a economia mundial ainda apresenta riscos. Níveis muito baixos de inflação nas economias avançadas poderiam causar uma diminuição das expectativas de inflação, gerando aumentos das taxas de juros reais (com taxas de curto prazo próximas do zero) ou deflação nessas economias. Além disso, o crescimento mais fraco nos mercados emergentes poderia atingir os mercados de *commodities*. Entre os riscos para a estabilidade financeira figuram o aumento da alavancagem no setor privado e a pressão sobre a avaliação dos ativos caso os juros subam mais do que o esperado. Ademais, a turbulência sustentada nos mercados emergentes poderia resultar em condições financeiras ainda mais restritivas no mundo inteiro.

De fato, e de forma até um tanto paradoxal, podemos dizer com bastante segurança que as perspectivas estão repletas de incertezas. Vemos várias mudanças importantes em curso na economia mundial, como a passagem do crescimento dos mercados emergentes para os países avançados, a reversão dos estímulos à economia nos países avançados (e a decisão do Fed de abandonar sua política monetária extraordinariamente acomodatória) e o reequilíbrio na China. Cada uma dessas mudanças pode gerar sobressaltos que poderiam conduzir à volatilidade. Assim, as autoridades econômicas precisarão de quadros de política flexíveis, ágeis e resistentes para superar os choques que possam surgir.

Em suma, apesar da retomada do crescimento, devemos esperar mais turbulência para nossa região. Assim, ainda é cedo demais para as autoridades na América Latina e no Caribe relaxarem. A ordem do dia ainda é recompor as margens de manobra fiscal e utilizar a política monetária e as taxas de câmbio flexíveis para absorver choques sempre que possível. Em alguns países, também seria útil fortalecer os quadros de política econômica a médio prazo. Ademais, será essencial manter-se atento a sinais de pressão nos sistemas financeiros. Por último, será preciso empreender reformas estruturais em áreas como educação, infraestrutura e mercados de trabalho e de produtos — em

toda a região, inclusive nos Estados Unidos — a fim de alcançar um ritmo de crescimento mais forte e sustentável a longo prazo.